



Protesto virtual vai reunir defensores da Ciência em todo o Brasil, na quinta-feira, 7. A SBPC adaptou o aplicativo Manif.app, ferramenta criada para protestos virtuais. Participe!

EDUCAÇÃO NÃO TERÁ CONGELAMENTO SALARIAL

Página 6

#OrgulhoDeSerUFRJ



O BRAZIL ESTÁ MATANDO O BRASIL

O Brazil não conhece o Brasil
O Brasil nunca foi ao Brazil
Tapi, jabuti, liana, alamandra, alialaúde...
O Brazil não merece o Brasil
O Brazil tá matando o Brasil...
Sertões, guimarães, bachianas, águas...
Do Brasil S.O.S. ao Brasil,,,
O Jobim, sabiá, bem-te-vi
Madureira, Olaria e Bangu, olará..
Cascadura, Água Santa, Pari, olerê
Ipanema e Nova Iguaçu, olará
Do Brasil S.O.S. ao Brasil
Do Brasil S.O.S. ao Brasil

Querelas do Brasil, composição do genial Aldir Blanc, levado pela Covid-19 no dia 4 de maio, aos 73 anos, depois de traduzir o Brasil em mais de 500 canções inesquecíveis, entre elas o hino da democracia, o Bêbado e o Equilibrista.

Página 8

Insalubridade de professores e técnicos será cortada. AdUFRJ e Sintufrj vão entrar na Justiça

Reitoria apresentou diretrizes do trabalho remoto durante pandemia

AdUFRJ planeja tuitaço no 15M em defesa da educação

Páginas 5 e 7

EDITORIAL

REGRESSÃO CATASTRÓFICA

DIRETORIA

Com a pandemia decorrente do novo coronavírus, é impossível negar que a Ciência ganhou um lugar de proeminência nas mídias, nas redes e no imaginário popular. De repente, nossas (tele!) discussões passaram a versar sobre exponenciais, RNA (ácido ribonucleico) e cloroquina. Gráficos são incessantemente trocados em grupos de whatsapp, e estudos antes restritos a pequenas comunidades agora têm milhões de leitores (e de “críticos” também, mas isso é outro assunto). Nos próximos meses, com a corrida por vacinas e tratamentos, é provável que essa grande conversa aumente ainda mais de volume, atingindo assim ainda mais gente.

Não há dúvida de que, mesmo no inferno da pandemia, a conscientização popular da Ciência é imensamente salutar. Ela traz consigo, entretanto, uma ressalva importante: não é a Ciência inteira que vai aos holofotes, apenas uma pequena parte. Isso, apesar de bastante óbvio, pode causar (e, como veremos a seguir, já está causando) problemas na maneira como o país lida com sua Ciência. Vamos por partes. É absolutamente natural que numa crise sanitária causada por um vírus novo, assuntos como epidemiologia e infectologia venham para o primeiro plano. Contudo, no atual contexto brasileiro – isto é, com um governo que desdenha de quase toda a forma de conhecimento –, essa visão puramente utilitária (quando muito) da Ciência pode fazer com que vastos setores dela sejam simplesmente descartados como “inúteis”.

Pois bem. No dia 23 de abril, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) anunciou uma nova chamada para bolsas de iniciação científica (IC) destinadas exclusivamente a projetos ligados às chamadas “áreas tecnológicas prioritárias”. A justificativa (extraoficial) para tal restrição é a de que o Brasil é um país com muitas carências e que, portanto, alguma priorização seria necessária. O grande problema desse raciocínio é que ele ignora o estágio da pesquisa no qual essa priorização está sendo feita. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) é uma maravilhosa “jabuticaba”, ou seja, é uma resposta genuinamente brasileira para suas necessidades científicas. Como, infelizmente, existe uma crônica falta de engajamento dos nossos jovens com as ciências, o PIBIC cumpre um papel vital de atrair alunos para uma atividade de pesquisa desde a graduação, iniciando-os de fato na vida científica. Ou seja, a função do PIBIC é a de incrementar nosso ecossistema

“Nos últimos 25 anos o Brasil tinha passado de sua fase de “iniciação” na comunidade científica global (nossos 10 milhões de citações nesse período são testemunho disso), mas agora estamos à beira de uma regressão catastrófica”



HIPPERT

científico-tecnológico-cultural em sua base, e isso só pode ser feito de forma adequada expandindo ao máximo o seu alcance, e não restringindo-o. Não faz o menor sentido “priorizar áreas” se não existe o recurso humano ao qual se recorrer para tal “priorização”. É como tentar priorizar o atendimento a doentes de Covid-19 sem médicos disponíveis.

Todavia, como já dissemos, nada mais natural para esse governo anti-iluminista. “Tecnologia aplicada” é a única coisa “que presta”; as ciências humanas, básicas, linguísticas etc são fetiches, frescuras, ou até mesmo comunismo subversivo. Nos últimos 25 anos o Brasil tinha passado de sua fase de “iniciação” na comunidade científica global (nossos 10 milhões de citações nesse período são testemunho disso), mas agora estamos à beira de uma regressão catastrófica. E isso é algo que, desgrazadamente, a pandemia pode agudizar.

Artigo

CHRISTINE RUTA

Professora da Biologia e diretora da AdUFRJ



MARCHA VIRTUAL PELA CIÊNCIA – UM CONVITE PARA TODA A SOCIEDADE

Movimento ocupará as redes sociais na quinta-feira, 7, e vai mobilizar cientistas de todo o país. SBPC quer mostrar a importância da produção científica para enfrentar a pandemia

O movimento mundial “Marcha pela Ciência” nasceu nos Estados Unidos como um protesto apartidário, uma reação dos cientistas aos cortes orçamentários em C&T e ao ceticismo científico da administração do recém-eleito presidente Trump. Neste cenário de destruição da Ciência surge o imperativo da resistência nos cientistas: lutar para pesquisar.

A primeira Marcha pela Ciência foi inspirada na histórica Marcha das Mulheres, que em janeiro daquele ano levou milhares de mulheres a manifestarem na rua a sua aversão às declarações misóginas e machistas de Trump. Essa correlação espaço-temporal entre os movimentos das Mulheres e da Ciência evidencia o protagonismo feminino cada vez mais presente na linha de frente de movimentos sociais.

A primeira Marcha pela Ciência ocorreu no dia 22 de abril de 2017, que era também Dia Internacional da Terra. Cerca de 93 manifestações ocorreram simultaneamente em 600 cidades de 30 países, levando para a rua milhares de cientistas e apoiadores organizados em torno de suas pautas nacionais. O êxito das marchas pelo mundo é explicado tanto pelo ativismo dos cientistas pela revalorização da ciência como também pela adesão de cidadãos preocupados com



a relação entre preservação ambiental e a qualidade de vida e a sobrevivência da espécie humana.

No Brasil, 25 municípios aderiram ao movimento e centenas de pesquisadores foram para a rua em busca também de valorização e em defesa de investimentos em C&T. Em 2017, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC) sofreu um corte no orçamento de 44% (leia sobre a campanha Conhecimento sem Cortes e o Tesourômetro, iniciativas da AdUFRJ). Outros alertas foram dados pelas marchas brasileiras, como sobre o desmonte das universidades públicas e sobre a de-

sigualdade no acesso ao conhecimento.

Três anos se passaram desde a primeira Marcha. Trump continua nutrido sua relação conflituosa com os cientistas através de declarações aberrantes como quando questionou se não se poderia injetar no corpo humano desinfetantes que matam o coronavírus. No Brasil, seu vassalo Bolsonaro segue com sua imitação grosseira do seu homólogo americano em relação aos cientistas do nosso país. O momento exige que os cientistas explicitem o valor do pensamento crítico e o peso das evidências. O físico Ricardo Galvão, demitido da direção do INPE por fazer seu trabalho com correção, é o caso mais emblemático da relação conflituosa do governo Bolsonaro com os cientistas. Muitos outros cientistas, biólogos, agentes florestais e médicos foram silenciados por discórdarem da política genocida do governo. Claro que os subservientes podem continuar a dormir um sono tranquilo em travesseiros espaciais, mas felizmente não é o caso de todos.

Muitos cidadãos reduzem a política a acordos no Congresso para a dilapidação dos fundos públicos ou a derapagem de partidos com visões imediatistas de reeleição e alheios aos grandes temas nacionais. Embora tal quadro tenha um quê de verdadeiro, não podemos jamais esquecer que muitos temas científicos são profundamente políticos – no sentido mais nobre do termo, como algo que diz respeito à administração dos assuntos de Estado. O aquecimento global, o en-

frentamento das pandemias, o uso das tecnologias de comunicação para a construção de uma sociedade democrática, todos estes assuntos envolvem ciências básicas e aplicadas. A Ciência tem um papel importantíssimo na construção de uma nação que se reconheça enquanto tal.

No Brasil, a Marcha pela Ciência é organizada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A marcha acontecerá no dia 7 de maio, e respeitando as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS) será integralmente realizada on-line: Marcha Virtual pela Ciência. O objetivo da manifestação é chamar a atenção para a importância da ciência no enfrentamento da pandemia de Covid-19 e de suas implicações sociais, econômicas e para a saúde das pessoas. Uma das atividades será uma manifestação virtual por meio do aplicativo manif. app muito simples de navegar, no qual o manifestante pode se expressar por meio de um avatar com uma mensagem de sua escolha.

Nós da AdUFRJ conclamamos as cidadãs e os cidadãos que valorizam a Ciência a se manifestarem. De forma responsável, dentro de nossas casas, vamos fazer o que é possível no momento. O corpo em casa, mas o espírito coletivo em marcha! Convide amigas e amigos para uma atividade virtual, contribua para os eventos da SBPC e outras entidades!

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL DA MARCHA VIRTUAL PELA CIÊNCIA



A pandemia mostra a importância da Ciência. Bilhões aguardam ansiosos por uma cura, resultado de pesquisas que estão sendo feitas em todo o mundo. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, suas secretarias regionais e sociedades científicas realizam, todos os anos, uma Marcha. Em respeito às diretrizes das autoridades sanitárias, o evento desta quinta-feira, 7 de maio, será virtual. Os eventos serão transmitidos ao vivo pela TV AdUFRJ: bit.ly/tvadufrj

09h30 | O que a Ciência sabe sobre o novo Corona vírus
>>>Prof. Orlando da Costa Ferreira Junior
Instituto de Biologia | UFRJ, Coordenador do Laboratório de Virologia Molecular
>>>Profa. Elis Lagrou
IFCS / UFRJ
>>>Estevão Portela Nunes
Médico infectologista, Vice-diretor de Serviços Clínicos do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas da Fiocruz
>>>Coordenação: Profa. Gulnar Azevedo e Silva
Instituto de Medicina Social UERJ, Presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva

10h30 | Pacto pela Vida
>>>Coordenação: Profa. Helena Nader
UNIFESP, Presidente de Honra da SBPC
11h45 | A importância da Ciência e Tecnologia no estado do Rio de Janeiro
>>>Prof. Luis da Mota
pró-reitor de pós-graduação e pesquisa da UERJ
>>>Profª. Alice Casemiro Lopes
diretora do DEPG/PR2/UERJ
>>>Coordenação: Natália Trindade
vice-presidenta APG|UERJ, metrande em Ciência Sociais - UERJ

12h | TWITTAÇO
#paCTopelavida #FiqueEmCasacomCiência

12h30 | Painei Nacional
participação da ANPG

14h | Impacto da COVID na cidade do Rio de Janeiro

>>>Prof. João Sicsu
Instituto de Economia da UFRJ
>>>Patricia Evangelista
Líder Comunitária, grupo de articulação da Campanha Se Liga no Corona
>>>Anakeila Stauffer
Fiocruz
>>>Coordenação: Debora Foguel UFRJ e Wilson Savino Fiocruz

15h | A situação da CT&I no Brasil: sucessos e desafios
>>>Coordenação: Ildeu Moreira
Presidente da SBPC

17h | Ciência e gestão pública: A universidade e a cidade na luta contra a Covid-19

>>>Antonio Claudio Lucas da Nóbrega
Reitor da UFF
>>>Rodrigo Neves
Prefeito de Niterói
>>>Coordenação: Rodrigo Ribeiro
Presidente da APG | UFF

18h | TWITTAÇO
#paCTopelavida #FiqueEmCasacomCiência

18h30 | A Universidade e a informação científica em tempos de Corona vírus
>>>Denise Pires de Carvalho
Reitora da UFRJ, Profa. do Instituto de Biofísica
>>>Luiza Massarani
Pesquisadora da Fiocruz, jornalista científica
>>>Coordenação: Gustavo Taveira
Secretário Geral da APG UFRJ

Saiba mais em: <https://bit.ly/pmvpelaciencia>

APLICATIVO PERMITE LOTAR RUAS E PRAÇAS COM AVATAR

A AdUFRJ convida todos os professores a participar de uma manifestação em defesa da Ciência nesta quinta-feira, 7 de maio. Os pontos de encontro serão o Congresso Nacional e a Cinelândia. E ninguém vai furar as recomendações da Organização Mundial da Saúde para evitar a disseminação do coronavírus. Como? A SBPC adaptou para o Brasil o aplicativo Manif.app, ferramenta criada na França para a realização de protestos virtuais. Os apoiadores da Marcha Virtual pela Ciência usarão o aplicativo que permite posicionar o próprio avatar em um mapa interativo. Muito simples de navegar, o Manif.app usa o serviço colaborativo *Open Street Map* (equivalente ao *Google Maps*). Qualquer pessoa pode organizar um evento online, convidando outras pessoas a irem ao mesmo lugar por meio de contatos ou redes sociais ou participar de um já organizado.

O manifestante também pode personalizar seu avatar, associando-o a uma “placa” na qual escreve um protesto. Daí, basta arrastar seu avatar vermelho (representando uma silhueta) para o mapa digital no local da demonstração e, assim, exibir seu apoio, com seu próprio cartaz. Ele é visível publicamente no mapa, junto de todos os outros avatares. “Nós utilizaremos o Manif.app para que todos possam marcar presença no dia da Marcha Virtual Pela Ciência, do sofá de suas casas, sem risco de contaminação pelo coronavírus”, comenta a diretora da SBPC, Claudia Linhares. A cientista foi a responsável pela tradução do aplicativo. A ferramenta foi criada por Antoine Schmitt, programador e artista francês, apoiado por uma rede de artistas politicamente engajados, em particular pela sua companheira, Hortense Gauthier, artista performática. A ideia do Manif.

app nasceu durante as manifestações dos Coletes Amarelos (*Gillets Jaunes*), em 2019, e nos protestos contra a reforma da previdência na França, “ambas fortemente reprimidas com violência pelo governo”, diz Schmitt. Segundo ele, o confinamento por conta da Covid-19 e a gestão catastrófica dessa crise sanitária pelo governo francês também influenciaram na idealização do aplicativo. “O manif.app nasceu da frustração e do desejo de dar outra forma de poder ao povo.”

MANIFESTE-SE VIRTUALMENTE EM APENAS 3 PASSOS:

1. Acesse o aplicativo manif.app, no link <https://bit.ly/3fivmsd>
2. Clique no botão “manifestar-se”. Seu avatar, de cor vermelha, aparece no mapa.

3. Arraste o seu boneco no mapa até a manifestação em frente ao Congresso Nacional, em Brasília (DF), ou para a Cinelândia, no Centro do Rio.

DICAS:

1. Se desejar segurar um cartaz, escreva seu recado no campo de “slogan” no topo do lado esquerdo da tela.

2. A vida do seu avatar é de 24 horas. Se desejar prorrogá-la, mude o seu slogan ou posição antes do final das 24 horas de sua criação.

3. Se deseja acompanhar o número de manifestantes, clique regularmente em “atualizar” no topo da tela.

(Fonte: com informações do Portal da SBPC)

Hospital Universitário ainda sofre com falta de pessoal

> HU ainda enfrenta dificuldades para contratar profissionais - médicos e técnicos de enfermagem - para repor os que são infectados pela Covid-19 e abrir novos leitos

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

MAior hospital da UFRJ, o Clementino Fraga Filho ainda enfrenta problemas para a abertura de novos leitos destinados à Covid-19. A unidade tem capacidade para oferecer cem leitos exclusivos para a doença, sendo 40 de enfermagem e 60 de terapia intensiva. Na última terça-feira, 5, foram abertos oito leitos de CTI com profissionais temporários que começaram a chegar ao hospital. Mais da metade dos leitos intensivos ainda está fechada à espera de pessoal.

A emergência já atua acima do limite da capacidade. “Enfrentamos problemas na emergência. Pacientes chegam em número cada vez maior e temos esse gargalo que só vai ser resolvido na medida em que novos leitos forem abrindo”, conta o diretor do Complexo Hospitalar e ex-diretor do HU, Leônicio Feitosa.

Segundo dados obtidos pela reportagem a partir do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde, o Clementino conta com 1.044 médicos. Desses, 157 estão cedidos a outras unidades. Entre os pneumologistas, uma das especialidades mais requisitadas para o tratamento da Covid-19, há 23 diretamente ligados ao HU, sendo 47,8% cedidos ao Instituto de Doenças do Tórax ou aposentados, de acordo com o Portal da Transparência. No IDT ainda estão outros 17 do quadro da UFRJ. Eles atuam em conjunto com a clínica médica no HU, mas a equipe enfrenta problemas com 16 profissionais - entre médicos, residentes e técnicos - afastados por Covid-19. A diretora do instituto, professora Fernanda Mello, não soube precisar quantos pneumologistas de sua equipe atuam na ala de coronavírus do HU. “Não estamos inteiramente atuando

na Covid porque não podemos deixar de atender nossos pacientes crônicos e os doentes que continuam chegando com outras doenças respiratórias”, justificou.

Alberto Chebabo, diretor médico do HU, informou que, além dos 887 médicos que não estão especialidades médicas destacadas para atuar em casos de coronavírus são anestesistas, intensivistas, infectologistas, clínicos e nefrologistas. Ocorre que, dos 887 médicos que não estão cedidos, apenas 33% atuam nestas especialidades. “Também devemos considerar que, hoje, dois terços dos pacientes internados no hospital não são por Covid. As equipes precisam se dividir”, diz.

O médico afirma que os profissionais estão chegando, ainda em ritmo lento, mas que já começam a atuar nos novos leitos. “Semana passada recebemos um grupo que começou a atuar hoje (terça-feira, 5). E hoje chegaram novos profissionais que devem entrar em atendimento nos próximos dias”.

Apesar do desfalque de médicos nas especialidades necessárias ao tratamento da Covid-19, Chebabo afirma que o principal problema está em outro grupo de profissionais. “Hoje nosso maior problema é o número de técnicos de enfermagem. Houve muitas aposentadorias no último período”. Para se ter uma ideia, enquanto o hospital trabalha com a proporção de um médico para cada seis leitos, entre os técnicos, a razão é de um profissional para cada dois leitos. A regra, para os técnicos, é do Conselho Federal de Enfermagem.

De acordo com a assessoria de imprensa do Clementino, a contratação temporária, que está sendo realizada através da Rio Saúde, até o momento, disponibilizou 296 novos profissionais de diferentes categorias. Desses, 77 são técnicos de enfermagem e 47 são médicos, sendo oito intensivistas. Ainda faltam 174 vagas

para serem preenchidas.

Há um ganho numérico em relação à semana passada, quando apenas 34 profissionais haviam sido recebidos no hospital. Mudanças no edital da Prefeitura podem colaborar para o preenchimento mais rápido das vagas. “Antes, a chamada acontecia de dez em dez profissionais. A partir de agora, vão chamar um volume maior por vez”, conta Leônicio Feitosa. “Também ficou acordada a retirada da exigência de o médico ter o CRM (registro profissional) do Rio de Janeiro. Na prática, isto era um impedimento”, opina.

DISPENSA DE LICITAÇÃO

Outra frente aberta pela UFRJ, de contratação de pessoal, acontece por meio de um edital de dispensa de licitação. A iniciativa não surtiu bom resultado. Apenas uma empresa se apresentou para concorrer e apenas com vagas direcionadas ao Instituto de Doenças do Tórax. Outro problema é que o valor mensal do serviço, apresentado na proposta da empresa ProserviçoServiços Terceirizados, é de R\$ 724,4 mil, equivalente a 210% do valor fixado pela administração central da universidade. Os documentos de habilitação da empresa ainda estão em análise pela PR-6. Outro edital, também para contratação de serviços médicos-hospitalares, está previsto para ser aberto pela pró-reitoria no dia 11 de maio.

FORMATURA ANTECIPADA

Com esperança de ajudar a desafogar os serviços de saúde, 56 jovens médicos se formaram na Faculdade de Medicina. A colação de grau foi antecipada, obedecendo os requisitos mínimos para a conclusão de curso, já que os novos profissionais decidiram atuar no combate à pandemia. A cerimônia, pela primeira vez na história, foi virtual, e aconteceu no dia 29 de abril. **(Colaborou Kelvin Melo)**



RESIDENTES estão na linha de frente da Covid no HU

PROJEÇÕES PARA O RIO PREOCUPAM

Pesquisadores da UFRJ-Macacé divulgaram um estudo dos impactos do coronavírus nas populações daquele município e também no estado do Rio de Janeiro. O Rio, hoje, está em um nível intermediário de controle de circulação, conforme explica o professor Antonio Guimarães, do campus Aloísio Teixeira. Neste cenário, o estado poderá chegar a 9,2 milhões de casos, com 46,7 mil mortes. “Os dados nos mostram que a melhor forma de conter a doença é o isolamento social rígido. Cidades e países que seguiram este protocolo tiveram resultados bastante próximos dos melhores cenários indicados pelo Imperial College (instituição britânica)”, argumenta o professor.

Com restrição de circulação “intensa e precoce”, o número de infectados em Macacé, segundo as projeções, seria de 13,8 mil pessoas, contra 218,6 mil, sem medidas de distanciamento. E as mortes pulariam de 53 para 1.315. Em todo o estado, com quarentena rígida, 930 mil pessoas podem ser infectadas, com 3,5 mil óbitos. Sem medidas de distanciamento social, os números saltariam para 14,7 milhões de casos, com 88,4 mil mortes.

Para esta análise, foram

utilizados os resultados para o Brasil obtidos pelo Imperial College Covid-19 Response Team. “Os números dizem respeito ao curso total da epidemia no país”, explica o docente. “O que fizemos foi adequar o resultado ao estado e município de Macacé. É uma forma de dar aos gestores públicos ferramentas de tomada de decisão. Ao mesmo tempo em que conscientizamos a população, com dados mais específicos de sua realidade”, afirma Guimarães, que assina a nota informativa do GT.

Num segundo cenário, utilizando parâmetros de baixa taxa de transmissão, os números indicam que cerca de 40% da população de Macacé seria infectada (110 mil pessoas), se houvesse distanciamento social aumentado de idosos. Sem medidas de distanciamento, esse número subiria para 193 mil pessoas, mais da metade dos habitantes. O número de mortes no município saltaria de 327 para 1.096. No estado, seriam 7,4 milhões de casos, com distanciamento de idosos – a chamada quarentena vertical – e 21,9 mil mortes. Contra 13 milhões de infectados e 73,7 mil mortes, sem medidas de mitigação. **(Silvana Sá)**

ADUFRJ ENTRA NA JUSTIÇA CONTRA CORTE DE INSALUBRIDADE

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

ADUFRJ e Sintufrrj ajuizam nos próximos dias uma ação contra os cortes de adicionais e do auxílio-transporte nos próximos contracheques de professores e técnicos-administrativos da universidade. A Instrução Normativa nº 28 do Ministério da Economia, editada no final de março, veda o pagamento de horas extras, auxílio-transporte, adicional noturno e adicionais ocupacionais aos servidores e empregados públicos que executam suas atividades remotamente. A medida, explicou a reitora Denise Pires de Carvalho em uma reunião com os sindicatos, na semana passada, é obrigada por recentes pareceres da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional e da Advocacia-Geral da União, favoráveis à determinação da Economia. Se as universidades não retirarem os valores, os re-

tores poderão ser penalizados por improbidade administrativa. O principal argumento da inédita ação conjunta das entidades sindicais da universidade é que o trabalho remoto, compulsório em razão da pandemia, deve ser considerado como de efetivo exercício. “Tem que ser assegurado o pagamento de todos os adicionais, como acontece nas férias ou nos períodos de licença por motivo de saúde”, defende a advogada da AdUFRJ, Ana Luísa Palmisciano.

A Instrução Normativa nº 28 também restringe remarcação de férias já programadas. Neste caso, a ação conjunta reivindica que a decisão seja delegada às chefias imediatas, de acordo com a necessidade de cada local. Também argumenta que as férias representam um direito ao lazer. “Esse período não é de descanso para ninguém. Isso não poderia ser determinado por uma Instrução Normativa”, critica Ana Luísa. A assessora



ADICIONAL DE INSALUBRIDADE pode ser cortado na próxima folha

jurídica explica que será feito um pedido de liminar para garantir uma decisão rápida. Pró-reitora de Pessoal (PR4), Lúzia Araújo explica que os cortes não são de responsabilidade da reitoria. “Vamos orientar que as pessoas preencham suas folhas de frequência e, ao lado, digam se estão em trabalho presencial, remoto ou alternando. A chefia imediata verifica, assina, e man-

da para o diretor, que manda para o departamento de pessoal. Até o dia 7, os departamentos vão lançar os códigos”, afirma. “Nós só homologamos as folhas que vêm das unidades e encaminhamos ao ministério”, completa.

Questionada sobre o prazo curto, a pró-reitora disse que não poderia garantir quem vai cumprir. E tudo indica que será difícil o cumprimento. “Nós aqui na

decania do CT consideramos impossível este prazo”, afirmou o decano Walter Suemitsu. “Vamos mandar a frequência como fazíamos antes. E providenciaremos alguma coisa para a próxima frequência”, completou. Walter observou que a situação é mais problemática para os técnicos-administrativos, pois os docentes não possuem controle de ponto. “É injusto tirar estes adicionais. As pessoas não estão em casa por que querem, mas obrigadas pela situação”, acrescentou. O tema será discutido em uma reunião do Conselho de Centro na próxima segunda-feira, 11.

“Os gestores foram emparedados pelo governo. Todo mundo – diretores de unidade, chefes de departamento de pessoal, reitoria – está com uma espada sobre a cabeça, com ameaça de denúncia de improbidade administrativa”, avalia a presidente da associação docente, professora Eleonora Ziller.

REITORIA APRESENTA NORMAS PARA TRABALHO REMOTO NA UFRJ

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

A reitoria apresentou aos diretores e decanos, na última terça-feira (5), uma portaria para regulamentar o trabalho remoto na UFRJ. De acordo com a norma, o objetivo é comprovar que o período de pandemia se constitui de efetivo exercício por parte dos professores e técnicos-administrativos, mesmo afastados fisicamente de seus locais de trabalho pelo estado de emergência. A preocupação da comunidade acadêmica é que as diretrizes conduzam a um corte de benefícios, como o auxílio-transporte. A supressão dos valores para quem está em teletrabalho já foi determinada

pelo Ministério da Economia. A realização do trabalho remoto é indicada para todos os servidores que não estão envolvidos em atividades essenciais – como o trabalho em hospitais e laboratórios de pesquisa – e para aqueles pertencentes aos grupos de pessoas vulneráveis à Covid-19. São todos aqueles com sessenta anos ou mais de idade; imunodeficientes ou com doenças preexistentes crônicas ou graves; responsáveis pelo cuidado de uma ou mais pessoas com suspeita ou confirmação de diagnóstico de infecção por Covid e quem apresente sinais e sintomas gripais, enquanto perdurar esta condição. Também são enquadrados: servidoras gestantes ou lactantes e servidores que possuam filhos



em idade escolar ou inferior e que necessitem da assistência de um dos pais. Há autodeclarações previstas para atestar algumas destas condições.

A portaria também confirma

o que já estava sendo feito pelos docentes, após a suspensão do calendário acadêmico. Eles “desenvolverão remotamente atividades como planejamento, pesquisa, orientação, extensão,

gestão/representação e capacitação/qualificação”.

Diretoras da AdUFRJ, as professoras Eleonora Ziller e Christine Ruta acompanharam a plenária de decanos e diretores. “Com a pandemia, temos de lidar com algo completamente novo que é o trabalho remoto. A universidade nunca quis discutir isso, que poderia ter sido regulamentado antes. O problema é consertar o avião com ele voando. É muito difícil”, afirma a presidente da associação docente, Eleonora. “E fica ainda mais complicado pois o governo responsabiliza os servidores públicos por tudo, chantageando o Congresso e a sociedade. A ameaça de tirar todos os benefícios aumenta toda a tensão”, critica.

NÃO VAMOS ESQUECER. UMA VIDA VALE TODAS AS VIDAS

AS VÍTIMAS DA COVID que homenageamos nesta edição não são números. Elas têm rostos, nomes e sobrenomes, histórias. Foram interrompidas. Em comum, a vida, os sonhos e o trabalho dedicado à universidade. Helmuth, Marcelo, Thaina e Alan não resistiram à devastação da traiçoeira doença. Deixaram familiares e amigos saudosos. E um luto em toda a instituição. Cada um, à sua maneira, contribuiu para fazer da UFRJ uma instituição de excelência. Na vida acadêmica, orgulhavam a universidade. No trabalho, ajudaram a construir a universidade que conhecemos hoje. Eram pessoas importantes para a comunidade acadêmica e deixaram legados que não serão esquecidos.



HELMUTH GUSTAVO TREITLER

O engenheiro civil tem sua trajetória misturada à história da UFRJ. Foi contratado pelo Escritório Técnico da então Universidade do Brasil, em 1952, como um dos responsáveis pelas obras de construção da Cidade Universitária. Treitler chegou a morar durante sete anos com a família numa casa que ficava localizada onde hoje há uma cancela, próxima à atual Prefeitura Universitária, para acompanhar mais de perto as obras. Para receber correspondências, instituiu seu endereço como Avenida Brigadeiro Trompowsky s/nº, Ilha do Fundão, que foi adotado oficialmente pela universidade. Foi superintendente do CT entre 1986 e 1990. Faleceu no último domingo, dia 3.



THAINA COELHO DE LIMA

Aos 24 anos, Thaina é uma das mais jovens vidas interrompidas pelo coronavírus na UFRJ. Era funcionária terceirizada da limpeza do CCMN e querida pelos colegas de trabalho. Ela faleceu no dia 30 de abril. Estava internada desde o dia 26.



ALAN DO PATROCÍNIO VENANCIO

Alunos partindo antes de seus mestres é um sinal de que a lógica da vida está invertida. Aos 35 anos, Alan concluiu neste ano a graduação em Letras, na Faculdade de Letras. Chegou a ser internado com sintomas da Covid-19, mas não resistiu.



MARCELO BISPO DOS SANTOS

Com mais de 30 anos dedicados à UFRJ, Marcelo era técnico-administrativo no IPPMG. Ele e a esposa contraíram o coronavírus e foram internados no Hospital Universitário. Apesar das tentativas de tratamento, o servidor faleceu no último dia 4.

ADUFRJ NA QUARENTENA

PL PRESSÃO TIRA DOCENTES DE CONGELAMENTO SALARIAL



JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

SESSÃO deliberativa remota do Senado Federal realizada no dia 6

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

Após intensa pressão dos movimentos sociais, deputados e senadores retiraram os profissionais da Educação do Projeto de Lei que congela salários de servidores durante a pandemia. A exclusão foi o últi-

mo ponto votado na noite de 5 de maio, na Câmara, a partir de um destaque da bancada do PT. E foi confirmada nesta quarta-feira, 6, no Senado. A matéria seguiu para sanção presidencial. Terão direito a eventuais reajustes e a progressões nas carreiras funcionários das Forças Armadas e profissionais da saúde, além de professores e servidores da assistência social (como de-

fensores públicos), da limpeza e da segurança pública, incluindo as polícias federal, rodoviária federal, ferroviária federal, civil, militar e os bombeiros. Infelizmente, todos os outros servidores sofrerão o congelamento.

Já os prazos de validade dos concursos públicos homologados até 20 de março de 2020 estão suspensos em todo o território nacional. A suspensão será válida até que a União estabeleça o fim do estado de calamidade pública motivado pela pandemia.

O Projeto de Lei Complementar (PLP) 39/20 destina ajuda de R\$ 125 bilhões para os estados, o Distrito Federal e os municípios em razão da pandemia de Covid-19. O governo federal se empenhou para sacrificar a Educação, mas perdeu a votação. “Quero incluir os trabalhadores da educação pública entre as exceções”, justificou o presidente da Casa, Davi Alcolumbre, na

abertura da sessão. “Será por meio da Educação que vamos superar a crise mais fortalecidos”. A aprovação foi unânime, com 80 votos favoráveis.

A deputada Margarida Salomão (PT-MG), coordenadora da Frente Parlamentar em Defesa das Universidades Federais, considera que a votação da matéria na Câmara “criou um constrangimento para os senadores”.

O Projeto de Lei Complementar proíbe os reajustes salariais e novas contratações até o final de 2021. E tem impacto, por exemplo, sobre a contagem do tempo de serviço de parte dos benefícios dos servidores em atividade, como anuênios e licenças-prêmio. Segundo o Andes, mais de dois milhões de professores e professoras federais, estaduais e municipais, que estão nas universidades, institutos federais e CEFETs seriam prejudicados. Para a advogada da AdUFRJ,

Ana Luisa Palmisciano, o estrangulamento da renda dos servidores, na prática, agravaria a crise. “As medidas do governo para a pandemia devem fortalecer as redes de proteção. As universidades atuam no atendimento e produção de saídas sanitárias. As restrições aos servidores apenas retiraram recursos da economia e aumentam a vulnerabilidade do conjunto da sociedade”, analisou a assessora.

MOBILIZAÇÃO GARANTE VITÓRIA

O Sindicato Nacional (Andes) e a Federação de Sindicatos de Professores e Professoras de Instituições Federais de Ensino Superior e de Ensino Básico Técnico e Tecnológico (Profites) orientaram os docentes a enviar e-mails, whatsapps e mensagens eletrônicas, pressionando os parlamentares.

Quase dois mil profissionais da Educação não deram sossego ao chat de transmissão online do Senado. Ao vivo, eles manifestaram indignação com a possibilidade de congelamento salarial, com frases como “os professores quase não têm aumento”, “os professores não podem pagar essa conta” ou “façam a taxação de grandes fortunas, imposto sobre lucros e dividendos, usem fundos difusos etc”.

CONSELHO DE REPRESENTANTES

CONSELHEIROS DEBATEM CORTES

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

Cortes de direitos, condições para retomada das atividades acadêmicas e estratégias de resistência para a universidade. Cerca de quarenta docentes da UFRJ participaram de três horas de debate sobre prioridades para o movimento docente frente à crise sanitária e social. A reunião virtual do Conselho de Representantes da AdUFRJ foi realizada na segunda-feira (4).

As preocupações sobre quando e como a UFRJ retomará as atividades acadêmicas tomaram a maior parte da reunião docente. Os Conselhos Superiores da universidade discutem a constituição de um Grupo de Trabalho sobre o pós-pandemia. De acordo

com a presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller, ainda não há nada concreto. “Não há informações sobre composição, calendário, nem nada. Assim que tivermos algo, traremos ao Conselho”, informou.

Os conselheiros da AdUFRJ trocaram as primeiras impressões sobre o assunto. Alguns professores defenderam a suspensão do calendário, com reposições presenciais posteriores. Outros falaram sobre mais flexibilidade administrativa para incentivar iniciativas semipresenciais. A favor dos primeiros pesam os argumentos sobre a exclusão digital brasileira e a segurança institucional da universidade. Já o segundo grupo conta com a justificativa da urgência por alternativas para a crise e a vontade de inovar de

parte do corpo docente.

“Dou aula para dois programas de pós-graduação. Os alunos do mestrado profissional já sinalizaram que não têm condições de tocar aulas remotamente”, relatou o professor do Instituto de Química, Rodrigo Almeida, em relação à desigualdade de acesso às ferramentas virtuais. “Os professores também não têm as mesmas infraestruturas, em casa, para oferecer essas aulas”, acrescentou.

Do mesmo IQ, Pierre Esteves expressou ponto de vista divergente. O docente considerou a conciliação entre modalidades virtuais e presenciais como uma tendência mundial. “Não vejo problemas nos alunos terem assistido a uma aula minha gravada, antes de um bate-papo presencial. O youtube permite aulas que eu

gostaria de ter tido e não tive”, disse o docente. “Vejo as possibilidades como complementares”, completou.

Integrante do Conselho de Ensino de Graduação, o professor Murilo Rangel (Instituto de Física) ressaltou que a universidade apenas deu início ao debate sobre os cenários de retomada das atividades. “Há várias questões a serem avaliadas, como a restrição de alunos por sala”, exemplificou o docente. “Será uma universidade muito diferente da que conhecemos antes da pandemia. Mas retorno às atividades é uma coisa; e ensino a distância é outra”, disse.

A pró-reitora de pessoal, Luzia Araújo, será a convidada da diretoria para o próximo Conselho de Representantes, no dia 1º de junho. Os docentes têm em vista

esclarecer dúvidas sobre andamento das progressões e sobre formulário de atividades remotas, enviado pela PR4.

A Adufrrj vai mover uma ação judicial, com o Sintufrrj, contra a retirada de uma série de benefícios dos servidores que estão realizando atividades remotamente, em função da pandemia, entre elas a insalubridade e o auxílio-transporte. Os cortes foram determinados pelo instrução normativa nº 28 do governo federal (leia mais na página 5).

Para se comunicar com a sociedade, o movimento docente aposta as fichas nas ações unificadas do Fórum com estudantes, funcionários e terceirizados (FORMAS). E também na parceria nacional em defesa da ciência, da Marcha da Ciência.

FORMAS

“Já não é mais uma unidade em torno de bandeiras políticas, de um movimento ou da greve. Significa a gente se organizar para a nossa sobrevivência”, afirmou a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, durante o lançamento do Fórum de Mobilização e Ação Solidária (FORMAS) da UFRJ, no último dia 4. O espaço é composto por todas as entidades representativas de professores, técnicos-administrativos, estudantes e terceirizados da universidade.

Em uma transmissão online, os diretores sindicais e estudantis destacaram a necessidade de ajudar os mais vulneráveis e proteger direitos na pandemia, ainda mais no governo Bolsonaro. Waldinéa Nascimento, diretora da Associação dos Trabalhadores Terceirizados, encerrou o encontro com um apelo emocionado: “Escutem nossas reivindicações! Tivemos colegas falecidos! Pedimos a todos que formam esse grupo de unidade e luta que continuem ajudando e que as empresas cumpram os seus deveres”. (Liz Mota Almeida)

SEXTA, 8 DE MAIO, 18H30 PELO ZOOM

TAM SEM TOU JUNTO

PUXADORA DE CONVERSA: MARIA PAULA
TEMA: AS AMEAÇAS DO FASCISMO

AdUFRJ

Artigo

JOSUÉ MEDEIROS

Professor do departamento de Ciência Política e diretor da AdUFRJ

POR NOVOS 15 DE MAIOS EM DEFESA DA VIDA E DA EDUCAÇÃO!

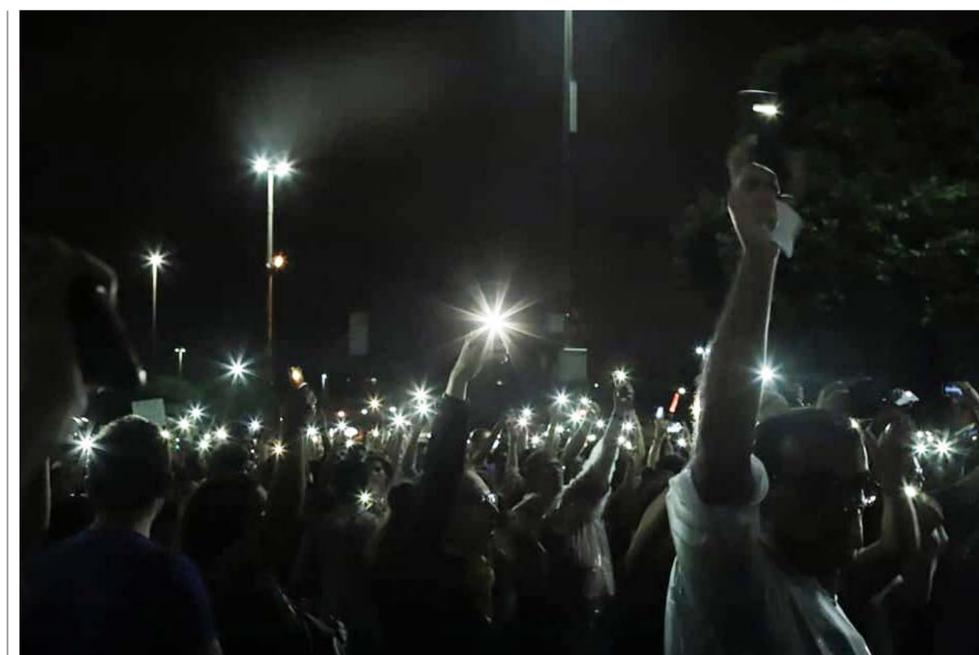
O dia 15 de maio nos mostrou o caminho para combater o bolsonarismo e sua necropolítica: sólida unidade, diálogo com a população, diversidade de formas de ação, presença importante dos sindicatos, associações, entidades estudantis. É fundamental que a gente mantenha essa experiência viva!

A cidadania brasileira vive o seu maior desafio desde os tristes tempos ditatoriais abertos em 1964 e radicalizados em 1968. Enfrentamos, ao mesmo tempo, um governo que pretende recuperar o projeto autoritário da Ditadura em seu viés mais radicalizado e uma pandemia global que cresce vertiginosamente, sobretudo pela própria ação do presidente genocida, que minimiza a gravidade da Covid-19 e desorganiza as ações sanitárias que poderiam minimizar as dores humanas e sociais.

As entidades educacionais, especialmente as universidades, têm feito seu papel e contribuído com a sociedade, com produção de conhecimento (destacamos a produção de respiradores de baixo custo pela UFRJ) e articulação de redes de solidariedade – além das várias doações que fizemos enquanto AdUFRJ, é preciso ressaltar as iniciativas de intervenção nas favelas e periferias para mitigar o sofrimento das pessoas mais vulneráveis.

Quando começamos nossa gestão, em outubro de 2019, afirmamos que “nunca fomos tão necessários para a defesa da vida e do nosso país. E, para garantir nossos espaços de renovação e criação de conhecimento, precisamos recorrer à defesa dos mais tradicionais pilares da universidade moderna”. Jamais imaginávamos que essa necessidade teria as dimensões que alcançou nessa pandemia.

Sempre afirmamos também que as mobilizações de 15 de maio de 2019 nos



inspiram a organizar e atuar na comunidade universitária e fora dela. Naquele dia nossa associação, após uma assembleia cheia, ocupou a praça XV com uma série de atividades, aulas públicas, exposições e debates para depois irmos em peso à passeata, contribuindo para a primeira grande derrota do governo Bolsonaro e do seu nefasto ministro Weintraub.

O dia 15 de maio nos mostrou o caminho para combater o bolsonarismo e sua ne-

cropolítica: sólida unidade, diálogo com a população, diversidade de formas de ação, presença importante dos sindicatos, associações, entidades estudantis. É fundamental que a gente mantenha essa experiência viva!

Por isso estamos convocando através do Observatório do Conhecimento um 15 M virtual em defesa da educação e da vida. Trata-se de uma ação de redes nestes tempos pandêmicos que servirá tanto para

recuperar a memória das mobilizações do ano passado quanto para mostrar ainda mais à sociedade os esforços que a universidade está fazendo no combate à pandemia. E, por fim, mas não menos importante, também para denunciar os ataques do governo genocida de Bolsonaro e Weintraub.

Todas e todos às redes no 15 de Maio de 2020! Em defesa da educação e da vida.

ENCONTRO DEBATE ESTRATÉGIA PARA TUITAÇÃO

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

O Observatório do Conhecimento se reuniu virtualmente na última terça-feira para começar a preparação da ação do 15M, que vai marcar um ano dos protestos pela educação do 15 de maio passado, a maior manifestação popular contra o governo Bolsonaro até aqui.

A reunião contou com a participação de 15 representantes de seis diferentes associações de docentes, e começou com uma avaliação da conjuntura atual,

tendo em vista a crise política e a pandemia. Depois foi formado um grupo de trabalho que vai ficar responsável pela produção da campanha que vai circular pelas redes sociais na próxima semana. A ideia é que as ações do governo contra a Educação sejam lembradas, e que um tuitaço seja formado no dia 15, sexta-feira. O grupo vai ficar responsável pelo planejamento e criação do material da manifestação, que vai ser feita integralmente através das redes, respeitando o isolamento social. “Precisamos trabalhar para



HÁ UM ANO a maior manifestação popular contra o governo tomou conta do país

unir os setores da Educação e, quem sabe a partir daí, começar a construir um movimento mais amplo capaz de enfrentar o governo”, explicou o diretor da AdUFRJ Josué Medeiros.

ALESSANDRO COSTA



O POETA E O EQUILIBRISTA

ELEONORA ZILLER
Presidente da AdUFRJ

Ninguém precisa ter mais de cinquenta e cinco anos e ter participado da luta pela anistia para reconhecer e amar a canção “O bêbado e o equilibrista” como um dos mais belos hinos à liberdade composto em língua portuguesa, além de ser poesia da mais alta voltagem e poderosa interpretação da vida desigual e autoritária brasileira. Mas para quem tem mais de cinquenta e cinco anos e participou da luta pela anistia, ela se tornou uma síntese poderosa, a expressão densa e extraordinária de todas as nossas dores e esperanças. Ainda me lembro do impacto que me causou ouvir atentamente a letra, depois que já a sabia de cor! Eu tinha pouco mais de quinze anos, cantava sem perceber muito como ela começava, todo o resto era lindo demais, e deixava meio de lado o estranho verso: “Caía a tarde feito um viaduto”. Até que alguém, mais velho e experimentado nesses detalhes, me chamou a atenção para tudo que o Aldir Blanc condensara em tão poucas palavras. O cair da tarde, imagem mais do que banal e hiper explorada em tantas canções e poemas, vinha acompanhada de um viaduto. A tarde cai, mas cai como um viaduto. Viadutos caem? Não caem todos os dias, de forma natural, como o sol, que ao se pôr, naquela época, passava a receber os aplausos da juventude dourada de Ipanema. Filho do gigantismo e da concepção autoritária de urbanismo na era militar, o viaduto que caiu foi o elevado da Av. Paulo de Frontin, em 1971, matando dezenas de pessoas, quando entrava em fase de testes, depois de destruir uma das mais belas e arborizadas ruas do Rio de Janeiro. Assim como a ponte Rio-Niterói e a conclusão da Perimetral, foram obras de intervenção na cidade que se viabilizavam pela natureza autoritária e impositiva do governo. A derrocada do viaduto foi muito simbólica, em pleno milagre econômico, era um testemunho monumental da tragédia nacional, de um país submetido a um governo violento, autoritário, concentrador de renda e corrupto. Foi um acidente explícito demais para ser controlado pela imprensa e silenciado pela censura, como fizeram com os operários que atuaram na construção da ponte Rio-Niterói, mortos e concretados junto com os pilares da ponte, e que jamais tiveram seus corpos encontrados. Os números oficiais que os contabilizaram não

tinham transparência nem confiabilidade. Essas tragédias estavam ali – “Caía a tarde feito um viaduto, e o bêbado trajando luto me lembrou Carlitos” – e eu só conseguia arregalar os olhos e me encher de admiração pelo trabalho de um grande poeta.

Apenas por essa canção, ele já seria um dos grandes nomes de nossa história cultural.

Mas ele foi muito mais do que isso. O encontro com João Bosco produziu um conjunto de canções que reescreveram a história do país e interpretaram a estrutura profunda de nossa sensibilidade e pensamento. Em tempos de fim de ditadura, de embates com a censura, ele jamais foi um vendedor de ilusões, mas um construtor de

realidades potentes e criador imbatível de personagens inesquecíveis, sejam eles Vanderlei e Odilon, Leonor ou Dagmar, que povoam a nossa imaginação e ganham vida própria, como Esmeraldo Simpatia é Quase Amor, do livro de crônicas “Rua dos Artistas e Arredores”, que deu nome a um dos blocos mais populares da cidade. Deboche, malandragem, ironia estão nas crônicas, nas letras, nos poemas onde convivem com a delicadeza das almas de vida noturna, dos amores juvenis, da vida suburbana, atravessada também de melan-

colia e abandono.

Aldir Blanc é muito maior do que as circunstâncias que o criaram. Muito mais do que alguém que embalou os melhores sonhos de uma geração, a potência de suas obras atravessará os anos, mas para nós que vivemos cada lance da história recente do país, que construímos do jeito que deu a nossa frágil democracia, ele será o nosso grande parceiro, aquele em quem confiávamos, porque afinal, amigo é pra essas coisas.

Fará muita falta, mas quando a saudade apertar, a gente vai sempre lembrar da esperança equilibrista, e que o show tem que continuar!



“

“Caía a tarde feito um viaduto, e o bêbado trajando luto me lembrou Carlitos” – e eu só conseguia arregalar os olhos e me encher de admiração pelo trabalho de um grande poeta. Apenas por essa canção, ele já seria um dos grandes nomes de nossa história cultural

HIP
P3R
TT.